



Construindo a parentela: negros e índios lutando por visibilidade no Rio Grande do Norte imperial¹

Genilson de Azevedo Farias²

RESUMO

Durante muito tempo, os estudos a cerca da família em nosso país estiveram centrados nas preocupações de antropólogos e sociólogos sendo somente a partir da década de 80 que ele passou a ganhar o interesse de historiadores e de outros profissionais. Nos dias de hoje os debates acerca da família no Brasil adquire papel preponderante, sobretudo pelos novos arranjos familiares que estão se gestando (SCOTT, 2009). Estudos comprovam que nos últimos 20 anos, não existe um modelo hegemônico de família em nosso país, hoje as configurações destoam do tradicional pai, mãe e filhos chegando até as novas estruturas tais como pais e mães solteiros que criam os filhos, a criação por avós maternos e paternos, tios e tias e padrinhos e madrinhas. Nesse sentido, não podemos falar em família no singular, mas no plural. Todavia este ainda é uma temática bastante polêmica, sobretudo quando envolve casais LGBTs e suas reivindicações pelo direito de adoção. Nesse sentido, a partir da nossa pesquisa de mestrado que foi centrada na trajetória da escritora norte-rio-grandense e afro-brasileira Auta de Souza (1876-1901), identificamos que desde a colônia outros modelos de família já existiam tais como as famílias escravas rompendo totalmente com a noção de exclusividade do modelo de família patriarcal formulado por Gilberto Freyre. E assim, a partir de uma história social da cultura, trazemos para o centro da discussão, a família de Auta de Souza, família esta tipicamente patriarcal onde sujeitos marginalizados (índios e negros) foram paulatinamente se inserindo e ganhando notoriedade social através de diversas estratégias em uma sociedade elitista e excludente.

Palavras-chave: Auta de Souza (1876-1901), Família patriarcal, Sujeitos marginalizados.

The build-kindred: black indians and fighting for visibility in Rio Grande do Norte imperial

ABSTRACT

For a long time, studies about the family in our country were focused on the concerns of anthropologists and sociologists being only from the 80's that went on to win the interest of historians and other professionals. Today the debates about the family in Brazil acquires

¹ Recebido em: 30 de setembro de 2015. Aceito para publicação em: 13 de janeiro de 2016.

² Aluno do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em História nas modalidades de bacharel e licenciado pela mesma universidade. Atualmente também é bolsista Capes. Currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4234622H2>.



leading role, especially with the new family arrangements that are gestating. Studies show that the last 20 years, there is no hegemonic family model in our country, today the family settings clash with the traditional model of father, mother and children, coming to the new structuring such as single parents who raise children, creating for grandparents maternal and paternal, aunts and uncles and godparents. In this sense, we can not talk about family in the singular, but plural. However this is still a very controversial issue, especially when it involves LGBT couples and their demands for the right to adoption. In this sense, from our master's research was focused on the trajectory of North riograndense writer and african-Brazilian Auta de Souza (1876-1901), we found that since colonial times other family models already exist such as the slave families breaking fully with the notion of exclusivity of the patriarchal family model formulated by Gilberto Freyre. And so, from a social history of culture, bring to the center of the discussion, the Auta de Souza's family, typically patriarchal, where marginalized subjects (Indians and blacks) have gradually entering and gaining social notoriousness through various strategies in an elitist and exclusionary society.

KEYWORDS: Auta de Souza (1876-1901), Patriarchal Family, Marginalized subjects.

Introdução

O presente trabalho é um desdobramento da nossa pesquisa de mestrado defendida em março de 2013, intitulada: *Auta de Souza, “a poeta de pele clara, um moreno doce”*: *Memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte*. Nesta pesquisa, buscamos entender como que no seio do processo de construção de uma história oficial e de uma memória coletiva para o Rio Grande do Norte por intelectuais se silenciou a ancestralidade negra e também indígena da poeta mais (re)conhecida do Estado³.

No entanto até chegarmos a entender esse processo, foi necessário fazer uma reconstituição genealógica para identificarmos quais os personagens que nessa trama haviam legado à Auta de Souza, bem como aos seus irmãos Henrique Castriciano e Eloy de Souza, os traços diacríticos que lhe eram peculiares haja vista que seus irmãos também eram mestiços. Durante esse processo, identificamos uma família tipicamente patriarcal nos moldes

³ Para os que tiverem interesse em aprofundar os estudos acerca da poeta Auta de Souza, indicamos os trabalhos da professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, tais como sua tese de 2000 e tantos outros trabalhos seus mais atuais. Também indico nossa própria dissertação FARIAS, Genilson de Azevedo. *Auta de Souza, a poeta de “pele clara, um moreno doce”*: memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2013; e _____. Auta de Souza no espaço público da imprensa e da literatura brasileira oitocentista. *Caravela* – Revista de literatura potiguar. v. 1. n. 1. Natal: Caravela Selo Cultural. Out. de 2015; _____. Auta de Souza (1876-1901): uma experiência do Atlântico Negro. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). *Festins de Seda: O Festival Mythos-logos do Imaginário e outras inventices de inspiração bachelardiana*. Natal: EDUFRN, 2016 (No prelo).



freyreanos, formada pelo *pater famílias* e toda uma série de dependentes, escravos e agregados ligados entre si por uma extensa rede de obediência, servidão, casamentos, apadrinhamentos onde aparecem sujeitos marginalizados que conseguem adquirir visibilidade e projeção.

Nesse sentido, foi através dos nossos estudos sobre *Auta*, que conseguimos abrir novas frentes para estudarmos a história da escravidão no Rio Grande do Norte, a história da família brasileira e seus rearranjos ao longo da história a partir de um caso específico tal como sugere a história social da cultura. Ao mesmo tempo, também conseguimos visualizar a luta de homens e mulheres do passado que ocupavam posições de subalternidade e suas lutas por espaço em meio a uma sociedade fortemente marcada pela força das hierarquias e do paternalismo⁴.

Ao fazermos esse exercício, salientamos que a maior dificuldade em reconstruir a trajetória de sujeitos provenientes das classes marginalizadas como afirmou Russel-Wood (2005) é a escassez de documentação escrita ou material produzida por eles tais como diários, memórias, reminiscências, diários íntimos, cartas e relatos de família, e se havia, o que é pouco provável, sucumbiu à ação do tempo ou ao desaparego e descuido daqueles que deles tinham a guarda. Além disso, deve-se ter em mente que a documentação de origem oficial raras vezes faz menção à presença destes sujeitos e quando faz, é de forma bastante sutil, quase sempre nas páginas policiais como em alguns Relatórios de Presidente de Província.

Russel-Wood (2005) também salienta para a tradição historiográfica que sempre privilegiou a trajetória dos “grandes homens” como políticos e renomadas figuras oriundas de famílias das elites colonial e imperial do nosso país. Só há algum tempo, mais ou menos 30 anos é que sujeitos comuns e sem visibilidade, vem ganhando força e nesse âmbito incluem-se pessoas do povo, operários, trabalhadores, soldados, humildes missionários, mulheres, e não menos importante os indivíduos de origem asiática, cigana, judia, ameríndia e negra.

Vale salientar que muito da emergência de novos sujeitos nos estudos se dá devido à renovação historiográfica proporcionada pela história social da cultura que focaliza a cultura a

⁴ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das letras. 2003.



partir dos sujeitos históricos e a partir de sua diversidade. Este campo do saber foca os confrontos culturais em diferentes espaços e práticas sociais e nisso abre-se a possibilidade para a centralidade de se pensar as diferentes configurações familiares na sociedade brasileira e em nossa cultura. Sendo assim, é nessa seara que nosso trabalho se insere.

Em nossa pesquisa, além dos Relatórios de Presidentes de Província e de impressos tais como *A Ordem*, utilizamos como fontes principais os escritos de Eloy de Souza em seu livro *Memórias* (1975), a Nota escrita por Henrique Castriciano para a segunda edição do *Horto* (1911) e a biografia *Vida Breve de Auta de Souza* (1961) escrita por Câmara Cascudo. Nessas fontes, cada autor a seu modo, se esforçou em construir uma dada representação para a escritora Auta de Souza, mas também proporcionaram a visualização de um contexto de dominação social através de um contexto familiar e espacial específico.

A Província do Rio Grande do Norte e Macaíba nos Oitocentos: o cenário da nossa história

Segundo (GOMES, 2000), as origens de Macaíba, que dista apenas 18 Km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, estiveram intrinsecamente ligadas aos antepassados de Auta de Souza. Ligação estreitada entre o seu bisavô paterno, o pernambucano Francisco Bandeira de Melo e o genro deste, Fabrício Gomes Pedroza ambos vindos de províncias vizinhas e que eram radicados na região, possuindo negócios relacionados à agropecuária e ao comércio.

Até a primeira metade do século XIX, Coité foi um sítio de terras férteis de plantar e criar gado cuja grande parte era de propriedade do avô de Auta. A partir da década de 1850, as províncias nortistas passaram por muitas mudanças no aspecto econômico devido a conflitos bélicos nos Estados Unidos que cortaram o abastecimento de algodão para as fábricas têxteis européias⁵.

⁵ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. Natal: Cooperativa cultural. 2009. Entre os anos de 1860 e 1865, ocorreram conflitos nas ex-colônias inglesas deflagrando a Guerra de Secessão. Com este conflito, a produção norte-americana se desestruturou, cortando o abastecimento para a indústria têxtil européia, sobretudo a inglesa, crise esta denominada “cottonhunger”. Ela foi determinante para que ocorresse grandes modificações no ambiente rural do Nordeste brasileiro, favorecendo em grande medida a produção algodoeira a qual se adequou perfeitamente ao clima e solo desta região. TAKEYA, Denise Monteiro. *Um outro Nordeste: algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*. Fortaleza: BNB, 1985.



Os efeitos desta crise externa ressoaram de forma positiva no Rio Grande do Norte, o qual passou a exportar a preciosa matéria-prima para os mercados ingleses, momento este em que a vila do Coité, futura Macaíba passou a atuar como entreposto comercial por estar localizada no centro das estradas que se destinavam aos grandes centros produtores de algodão, cereais e de açúcar⁶.

A posição ocupada por ela atraiu a migração de muitos negociantes e famílias inteiras, famílias estas que vinham das províncias vizinhas esperançosas de melhorarem de vida através dos empreendimentos que a cidade proporcionava. Em pouco tempo, a vila do Coité atingiu visibilidade dentro da Província, passando a se chamar Macaíba por sugestão de Fabrício Gomes Pedrosa, tendo ele também fundado a cidade, o qual neste contexto já estava adquirindo posição de liderança⁷.

Macaíba oferecia uma série de fatores positivos ao desenvolvimento do comércio, chegando, inclusive, a ser cogitada a mudança da sede da Província do Rio Grande do Norte que era em Natal para ser em Macaíba conforme os dados disponíveis nos Relatórios de Presidentes de Província da época. Todavia, o projeto de mudança da capital com o tempo foi deixado de lado. Mas o fato é que por muitos anos, Macaíba gozou de status de capital honorária e econômica da Província, atraindo distintas famílias, personalidades como Francisco de Paula Rodrigues, futuro avô materno de Auta e o interesse de empresários das localidades vizinhas. Estes se instalaram em torno de seu porto de águas fluviais e do seu comércio de açúcar e algodão.

Em termos culturais esta sociedade era fortemente marcada pelo domínio masculino representado pelo poder e autoridade inquestionáveis do pai-senhor. Além disso, pautava sua forma de pensar e agir baseado numa pretensa superioridade branca. Sendo assim, é importante deixar claro que foi nessa sociedade em que sujeitos marginalizados emergiram sendo relevante trazê-los à tona. Vale salientar que suas atuações se deram sobretudo, num contexto em que as amarras da escravidão no Brasil se rompiam paulatinamente. Todavia, a exclusão contra os remanescentes africanos e índios e seus descendentes permanecia e ganhava força respaldada em teorias científicas de cunho racial trazidas da Europa.

⁶ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Op. Cit.

⁷ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do rio Salgado no Século XX*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.



Escavidão, Trabalho e ascensão social: retratos de família

Segundo a professora Solange Rocha, na Paraíba oitocentista, muitas foram as experiências e as estratégias utilizadas pelos negros para viverem num contexto escravista. Assim ela nos diz:

Uns viviam em cativeiro ou vivenciavam a experiência de ser quase libertos e lutavam para consolidar a liberdade; outros eram livres e tiveram acesso à propriedade privada, à educação superior, com atuação política, respeito público, mas, sem dúvida, poucos conseguiram usufruir desta última condição social. A maioria de mulheres e homens negros, escravos e não-escravos da Paraíba teve de empreender inúmeras estratégias para sobreviver na sociedade escravista do século XIX⁸.

Na Província do Rio Grande do Norte, podemos afirmar que tal realidade não diferiu, a qual também passou pelo mesmo processo de diminuição da população cativa ao longo do século XIX, sobretudo a partir da segunda metade deste século.

PORCENTAGEM DE ESCRAVOS NA POPULAÇÃO TOTAL

ANOS	TOTAL	ESCRAVOS	%
1805	49.250	5.768	11,7
1835	87.931	10.240	11,6
1844	149.072	18.153	12,2
1872	233.979	13.020	5,6

TABELA 1: Porcentagem de escravos na população total.

Na tabela acima é possível visualizarmos os números acerca da população escrava na Província do Rio Grande do Norte em relação à população total⁹. A partir dos números,

⁸ ROCHA, Solange Pereira da. *Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009, p. 87.

⁹ Fonte dos números: Carta do capitão-mor do Rio Grande do Norte José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque ao Príncipe Regente D. João, em 1806, Projeto Resgate Barão do Rio Branco; LYRA, A. Tavares de. *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*, p. 471-473; *Resumo histórico dos inquéritos censitários realizados no Brasil*, p. 144. (MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Op. Cit., p. 114).



percebemos que a população escrava que havia diminuído por ocasião da seca de 1845, aumentou nos anos de 1860, voltando a decair drasticamente no início da década de 1870. Como indicadores deste decréscimo observamos, sobretudo, o fim do tráfico internacional África-Brasil em 1850 e a intensificação do tráfico interprovincial que destinava uma grande quantidade de escravos das zonas canavieiras e algodozeiras nortistas para o trabalho nas lavouras das outras províncias, sobretudo as de café do Centro-Sul, atual região Sudeste.

Com a grande seca ocorrida em 1877, o tráfico aumentou ainda mais, uma vez que muitos proprietários rurais do Nordeste neste contexto de crise se desfizeram de seus últimos escravos. Alguns já bastantes idosos, doentes e debilitados para o trabalho braçal e que representavam mais perdas do que lucros dentro da realidade do trabalho compulsório, fato este que levou os senhores dos municípios sertanejos de Mossoró (1883), Assu (1885), Caraúbas (1887), e Augusto Severo (1887) a libertarem seus cativos antes da Lei Áurea¹⁰.

Com isso, houve uma nova configuração nas relações de trabalho que passou a vigorar nas propriedades dos grandes senhores de terra, de fazendas e de gado de forma geral. As dificuldades dos senhores em obter mão-de-obra escrava para suas fazendas obrigaram-os a tomar outras medidas para substituir e repor esses trabalhadores que se esvaíam para outros portos de produção agrícola¹¹. Foi a adoção de homens livres pobres entre os quais incluíam-se os negros, índios, mestiços e toda uma parcela da população marginalizada a medida mais emergente encontrada pelos grandes fazendeiros.

No espaço agrário e pastoril em que o Rio Grande do Norte estava imerso na primeira metade do século XIX foi que viveu e atuou Félix José de Souza, ou Félix do Potengi Pequeno, o avô paterno de Auta de Souza. Sobre ele, existem poucas informações, sobretudo documentais, o pouco que sabemos devemos a Eloy de Souza em seu livro *Memórias* (1975) que registrou e a Câmara Cascudo no livro *Vida Breve de Auta de Souza* (1961) que divulgou muito do que Eloy já havia escrito antes, sem o publicar, e inseriu mais elementos ao que

¹⁰ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Op. Cit.

¹¹ A respeito da movimentação do tráfico interprovincial de escravos, bem como das novas configurações de vida que ele ensejava, das distintas experiências vividas pelos cativos, seus rearranjos familiares, de sociabilidade, anseios de liberdade e de trabalho, indicamos: MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil - Século XIX)*. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Sobretudo o capítulo 2, *Sob o jugo do cativo* incluído na primeira parte, o qual é baseado em processos crimes e cíveis.



Eloy já havia registrado¹². Segundo Cascudo, José Félix nasceu no engenho Ferreiro Torto às margens do Rio Potengi.

Devido à falta de documentos, não se sabe se Félix era negro, mestiço, preto, pardo, africano ou crioulo conforme a terminologia apresentada na documentação daquela época segundo o estudo da professora Hebe Maria Mattos (2013). Todavia, Câmara Cascudo o caracteriza como “escuro” e possivelmente descendente de escravos fugidos do litoral como tantos outros que se embrenhavam pelos sertões da época onde se abrigavam e se dedicavam a pastorícia¹³. Eloy de Souza, neto de Félix por sua vez, diz em suas memórias que o avô era negro.

Independente destas correntes, acreditamos que José Félix foi um homem pobre livre, descendente de escravos e que conseguiu adquirir o respeito da comunidade em que vivia assim como poucos dentro da sociedade brasileira da época. Foi na pequena vila do Coité, que seu exímio trabalho de vaqueiro chamou atenção dos senhores de fazenda e engenho.

Segundo Cascudo, Félix “trazia o lote unido e manso no domínio do abôio que se desenrolava no ar como uma fita melódica de sugestão magnética. No coice ou na guia da boiada ninguém o igualava”¹⁴. Como sua atuação na lida com o gado despertava admiração da comunidade em que morava, o vaqueiro Félix passou a trabalhar na administração das

¹² Vale deixar claro que, conforme salientou Ana Laudelina Gomes (2000), embora o texto mais conhecido sobre Auta seja o de Câmara Cascudo (1961), ele foi quase todo baseado no de Eloy de Souza (1975). Ainda segundo a cientista social, cotejando os dois textos, é visível a presença da escrita de Eloy no texto de Cascudo o qual foi publicado em 1961 seis anos antes que o de Eloy que foi publicado só em 1975.

¹³ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: IHGRN, 1980. De acordo Caio Prado Júnior (1996), A produção de gado vaccum se alastrou, “recalcada para o íntimo dos sertões”, como resposta à necessidade do consumo crescente de carne das zonas litorâneas produtoras de açúcar e mais tarde das minas. Esta atividade obteve tamanha expressividade pela facilidade de adaptabilidade às áridas paragens da região, os baixos custos para se fixar as instalações sumárias de uma fazenda de criação e o reduzido número de pessoal para o trabalho, sendo mais comum a mão-de-obra de mestiços, de índios, mulatos e pretos na terminologia da época. Neste âmbito vale ressaltar o trabalho do vaqueiro que recebia ¼ das crias do dono da fazenda depois de decorridos cinco anos. Nesse sentido, o vaqueiro recebia uma soma considerável de animais, com os quais poderia estabelecer um negócio próprio. As fazendas de gado também forneciam a carne-seca conhecida como carne do ceará e ainda uma gama de subprodutos tais como leite, queijo de coalho, manteiga e coalhada que eram consumidos pelo vaqueiro e sua família. Por fim havia também os derivados do couro, tais como couros salgados, curtidos, solas, selas e vaquetas produtos estes que configuram-se nos nossos dias enquanto definidores da cultura e da história do homem sertanejo.

¹⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961, p. 23.



fazendas do coronel Francisco Bandeira de Melo onde passou a cuidar dos rebanhos e a negociar com distintos senhores nas províncias do Piauí, Ceará e Pernambuco¹⁵.

Por sua destreza com as reses que levava pelas estradas-das-boiadas aos principais pontos de comércio e cuidado com o dinheiro que recebia dos negociantes na primeira metade do século XIX fez o coronel Francisco Bandeira de Melo perceber que valia muito a pena fazer daquele homem simples dos sertões, um membro efetivo de sua família¹⁶.

Segundo Eni de Mesquita Samara, já há anos que o campo de estudos da família vem crescendo no Brasil. Para a estudiosa, este tema permaneceu restrito por muito tempo à guisa de antropólogos e sociólogos sendo a partir da década de 80 que ele veio ser contemplado com maior afinco por historiadores e profissionais de outras áreas¹⁷. No nosso país, o modelo de família que convencionou-se enquanto padrão, foi o resultado da transplantação da família portuguesa ao nosso contexto colonial. Modelo este denominado de “patriarcal” sobretudo após o célebre estudo do sociólogo Gilberto Freyre *Casa Grande & Senzala* (1998).

O referido modelo de família tinha por principais características: o domínio centrado no poder indiscutível do pai; a submissão da mulher (esposa e filhas); família bastante numerosa com muitos filhos, noras e genros. Além disso, a este núcleo central se anexava escravos, serviçais pobres livres, sobrinhos, afilhados que almejavam proteção em troca de trabalho e fidelidade. Os escravos por exemplo, apareciam na obra freyreana como extensão da família senhorial.

A partir do trabalho *Na senzala, uma flor* (2011) do historiador Robert W. Slenes, essa imagem é revista e a noção de que família no contexto escravista é uma organização exclusivamente branca cai por terra, Slenes apresenta-nos rearranjos familiares estabelecidos pelos escravos brasileiros dentro do universo do cativo.

Nesse sentido, o padrão de família denominado de “patriarcal” vem sendo questionado por estudos mais recentes, os quais vêm mostrando que este perfil que se convencionou

¹⁵ SOUZA, Eloy. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto. 1975.

¹⁶ Idem.

¹⁷ SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História, 71). Sobre o tema da família salientamos os trabalhos: ARIÉS, Philippe. *História da criança e da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1981; LÉVI-STRAUSS. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982; HERÍINTER, F. “Família”. In: *Enciclopédia Einaudi – Parentesco*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989. Vol. 20.



hegemônico no nosso país, figurou a algumas poucas famílias do contexto colonial. A família de Auta, em sua matriz genealógica, figurava enquanto um modelo de família patriarcal num contexto de tradição tipicamente ruralista do Nordeste ligada ao idílio rural dos senhores de engenho e às relações de poder travadas por eles. Eloy de Souza, irmão de Auta registra:

Individualmente, guardo na memória recordações que me despertam saudades daqueles tempos já remotos. Foi ali que vi o primeiro engenho e os primeiros canaviais e escutei a música de suas verdes desfolhas, levemente agitadas pela brisa da tarde, quando em companhia de meus pais e irmãos íamos à antiga vila assistir às festas de seu padroeiro. **Minha recordação mais viva, porém, é das figuras que aos sábados eram assíduas a nossa casa em Macaíba.** Lembro-me que o mesmo feitio amável nivelava velhos e moços. **Excetuadas duas ou três barbas brancas que, por mais compridas e serradas, nos fundiam certo respeito a alegria comunicativa de quase todos, contribuíam para estabelecer entre nós e eles uma intimidade travessa e buliçosa.** Embora rústicos, como agora os vejo, eram naturalmente maneirosos. Não me recordo de tê-los visto à mesa paterna vestidos com negligência. **A jaqueta de pano fino, colarinho alto e amplamente aberto, enrodilhado por uma gravata de cetim lustroso, a cadeia de ouro ornamentava o colete de transpasso,** dava-lhes um ar austero que o riso franco logo convidava à aproximação confiante e atrevida das crianças. [...] ¹⁸. (Grifos nossos).

Assim, como o texto nos deixa antever, a família de Auta mantinha uma extensa rede de influência, sobretudo de política na Província congregando longas extensões de terra, muitas cabeças de gado, alguns serviçais e escravos. Além disso, o trecho acima também nos mostra um cenário dominado pela presença dos homens cuja barba simbolizava o poder e autoridade conforme atentado por Denise Monteiro (2009)¹⁹. Os homens detinham frente à família e a sociedade, poder e autoridade que eram exercidos, muitas vezes sob a força de violência física e/ou simbólica²⁰.

¹⁸ A *ORDEM*, 10 de Dezembro de 1951.

¹⁹ Miguel Valle de Almeida (1995), buscou fazer uma análise sobre a variedade das identidades masculinas a partir de um trabalho de campo realizado numa aldeia Alentejana ao mesmo tempo em que buscou discutir e negar os efeitos da masculinidade hegemônica.

²⁰ Na *A dominação masculina* (2007), Pierre Bourdieu descreve o processo pelo qual a classe que domina impõe sua cultura aos dominados. Nesse processo o sujeito dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe enquanto vítima uma vez que, ao contrário, o indivíduo oprimido considera a situação natural e inevitável. Nas palavras de seu teórico, a violência simbólica é “doce e quase sempre invisível”. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007, p. 47; e pode ser exercida por diferentes instituições da sociedade: a família, o Estado, a mídia, a escola etc.



A despeito desta sociedade de domínio masculino, outras foram estudadas pelos antropólogos Bronislaw Malinowski em *A vida sexual dos selvagens* (1983) e Margaret Meadem *Sexo e temperamento* (1998) em cujos modelos de organização social permitia maior abertura para a atuação das mulheres de forma igualitária e em alguns casos até superior. Entretanto, no Brasil oitocentista, e mais precisamente no Nordeste dos engenhos de açúcar, o homem adotou a posição central e dominante das diferentes instituições seja no âmbito público ou privado.

Até mesmo os espaços e as atividades desenvolvidas eram bastante definidos culturalmente segundo o sexo²¹. Seja na família quanto na vida social, econômica e política foi o homem o indivíduo que manteve a gerência do sistema patriarcal, seja na posição de marido, de pai de irmão ou de senhor.

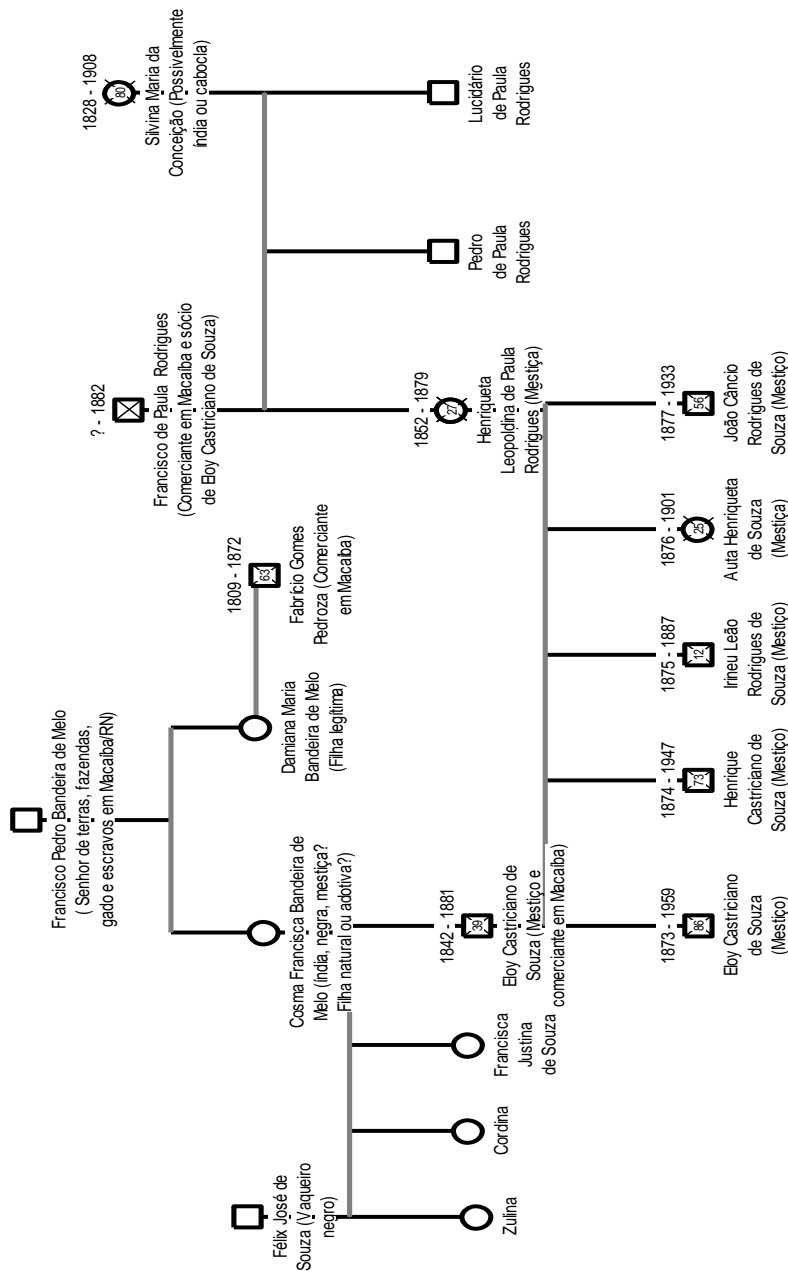
Foi assim que Félix de Souza, membro dessa estrutura, recebeu de seu patrão uma de suas filhas em casamento, Cosma Francisca Bandeira de Melo, carinhosamente chamada de Tatá e que Ana Laudelina Gomes (2000) supõe ter sido filha ilegítima de Francisco Pedro, tida como filha adotiva, para não reconhecer-se o fato. Seria filha ilegítima de Francisco Pedro com quem? Com alguma índia da região? Com alguma escrava da família? Certamente com alguma agregada da família de Francisco Pedro. Afinal ela nasce bem antes da Abolição, sendo avó de Auta, que nasceu em 1876.

Na árvore genealógica abaixo, é possível visualizarmos as principais relações de casamento estabelecidas entre os antepassados de Auta, gestando assim, uma família de traços sincretizados.

RETRATOS DE FAMÍLIA: OS CASTRICIANO DE SOUZA²²

²¹ Pierre Clastres buscou entender como os índios *Guayaki*, de hábitos nômades se organizavam sócio, político e culturalmente. Nesta sociedade as tarefas entre homens e mulheres eram bem definidas sexualmente, sobretudo ao que tange à produção de alimentos. Os homens ocupavam a posição de produtores (caçadores e coletores) e de sustento da comunidade, já as mulheres, exerciam a função de criar os filhos além de formar cestos e vasos. CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

²² Árvore elaborada pelo autor. Vale colocar que algumas informações referentes à ancestralidade racial dos personagens elencados na árvore genealógica foram retiradas da memorialística de Eloy de Souza (1975), da biografia escrita por Câmara Cascudo (1961) e da tese e Ana Laudelina Gomes (2000) onde também é encontrada uma árvore genealógica semelhante.



A filha legítima, Damiana Maria Bandeira de Melo, o influente senhor de terras deu por esposa a Fabrício Gomes Pedrosa, senhor da Casa Comercial de Guarapes e o maior empresário nos idos dos oitocentos no Rio Grande do Norte²³. Nesse sentido, acreditamos que o avô de Auta foi uma exceção em meio à grande massa de negros que habitavam o Brasil da

²³ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Op. cit.



época, pois mesmo supostamente sendo negro e pobre adquiriu visibilidade no espaço social dominado pelos grandes senhores de terra e gado. Segundo Eloy (1975) e Cascudo (1961) teria sido a excelência de seu trabalho que o fez adquirir notoriedade dentro da sua região saindo da penumbra a que estavam relegados a maior parte dos homens e mulheres que provinham da mesma condição social e racial que ele.

Nessa realidade aristocrática, paternalista e patriarcal podemos observar que o casamento estava atrelado a interesses e expectativas mútuas, afinal de contas, não foi a qualquer um que o senhor Francisco Bandeira de Melo deu em casamento suas filhas. Francisco Pedro deu por esposa suas filhas a homens que estavam demonstrando perspectivas de crescimento social e econômico e que vinham adquirindo prestígio por causa de suas atuações profissionais dentro daquela sociedade. Vale colocar que Félix, progressivamente foi ascendendo, deixando de ser vaqueiro, para atuar como administrador das fazendas de seu patrão.

Outra coisa a ser observada aqui no tocante às relações matrimoniais estabelecidas nesse contexto era a intenção e, para muitos casos, verdadeira necessidade de manutenção e perpetuação do que se entendia por pureza de sangue, o que para algumas famílias era algo de extrema importância. Larissa Viana coloca em seu trabalho *Idioma da mestiçagem* (2007) que a preocupação com a pureza de sangue já era algo bastante valorizado desde o século XV pela alta sociedade portuguesa. De tal forma que quando se iam escolher os membros e líderes de determinadas instituições fazia-se verdadeiros inquéritos para se desvendar o passado dos indivíduos tentando encontrar o menor resquício de impureza de sangue advinda de alguma relação com pessoas de origem, sobretudo racial, de menor valor dentro daquela lógica social.

Ainda segundo a historiadora, isso se estendeu ao Brasil, e ganhou espaço na sociedade seiscentista e setecentista das principais cidades, sobretudo do Rio de Janeiro onde havia muitas Ordens religiosas onde os cargos hierárquicos eram vistos como sinônimo de ascensão social. Em sua pesquisa, toma como foco os grupos dos pardos que reivindicavam uma identidade própria, distanciada dos mulatos, grupo visto como negativo e do qual se deveria buscar uma distinção por eles estarem identificados com valores negativos e decadentes.



As irmandades religiosas de pardos, no estudo de Larissa Viana, seriam vislumbradas como um elemento de distinção dentro do próprio grupo de mestiços que compunham a grande massa de indivíduos do Brasil da época, um espaço onde se estabelecia exclusões numa relação de negros para negros e não apenas de brancos para negros como se poderia supor unicamente. Nesse sentido, essa verdadeira necessidade dos indivíduos demarcarem uma distinção social, posicionando-se em níveis de hierarquia não se fez presente só no âmbito do sagrado, mas também, dentro das grandes instituições sociais e políticas também no século XIX.

Dentro do espaço agrário do Nordeste onde hierarquias sociais e também culturais eram bastante fortes, conforme Ana Laudelina Ferreira Gomes (2000), após o matrimônio com Cosma, Félix continuou numa condição subalterna, pois no caso dos laços aqui narrados percebemos que a filha adotiva, supostamente filha natural, ilegítima e mestiça (tida por isso como impura), foi dada em casamento para um suposto negro ou afrodescendente que pouco antes do casamento exercia a função de vaqueiro, já a filha branca e legítima deu a Fabrício, muito mais bem posicionado que o primeiro.

Mesmo assim, Félix foi um dos poucos casos de homens negros que se inseriu e obteve reconhecimento num espaço que valorizava o elemento branco. Como nos mostra Russel-Wood (2005) para que os homens dentro destas condições rompessem os círculos de poder da época, conquistassem a tão sonhada liberdade e emergissem socialmente, eles se valeram de diferentes estratégias, sendo o casamento com pessoas de posses tão somente uma delas. Mas também:

O negro ou mulato livre disposto a renunciar a parte de sua independência podia encontrar emprego como feitor na agricultura, na criação de gado ou na mineração. Na verdade, este podia ser o primeiro passo rumo à integração social no mundo livre. Um negro ou mulato livre que fosse inteligente (ladino) o bastante para compreender os processos mecânicos de moer e preparar a cana-de-açúcar bruta ou as técnicas de mineração caminhava no sentido de deixar para trás o “mundo negro” da senzala e pisar na soleira do “mundo branco” da casa-grande. Em boa medida, o grau de aceitação na comunidade branca dependia de sua competência profissional²⁴

²⁴ RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 98.



No caso em que estamos narrando, possivelmente Cosma era agregada, espécie de parente pobre filiada na casa de Francisco Pedro haja vista que não era filha legítima e nos poucos escritos que se fizeram sobre ela nada afirma que recebeu pecúlio da herança do pai adotivo. Para termos essa certeza, seria necessário pesquisar no inventário do referido senhor, se é que tal documento ainda existe, acreditamos que Cosma e Félix se mantiveram após o casamento numa posição de agregados e dependentes da grande família.

Vale salientar que a família patriarcal formada ainda na colônia, compunha-se não só de marido, esposa e filhos, mas de todo um conjunto que englobava a esposa, eventuais (e disfarçadas ou declaradas) concubinas, filhos (as) legítimos (as) ou não, parentes, padrinhos, afilhados, amigos, dependentes, escravos (as) e ex-escravos (as) formando-se assim um verdadeiro clã²⁵. Ou seja, a família patriarcal aglutinava em torno do patriarca uma grande quantidade de dependentes que lhe deviam respeito, obediência e serviços. Sua vontade era indiscutível e inviolável tal como pressupunha o paternalismo²⁶.

Conforme apontado por Pierre Bourdieu, numa sociedade em que a definição social dos órgãos sexuais era produto de uma construção efetuada à custa da acentuação de diferenças e de semelhanças, era o princípio masculino, adotado como única medida para se verificar todas as coisas²⁷. Conforme Maria Conceição Maciel Filgueira:

[...], o patriarca controlava toda a legião de agregados, particularmente “a mulher”, fosse qual fosse a sua posição social. A condição feminina era de extrema submissão à autoridade indiscutível que emanava da temida e venerada figura do patriarca, que se arvorava do direito de controlar a vida da esposa, da(s) amante(s) e, também, das filhas mulheres. O patriarca encarnava, no coração e na mente de seus subordinados, todas as virtudes e qualidades possíveis a um ser humano, parecendo até contrariar o que dizia Maquiavel (1977), melhor ser temido que amado, uma vez que o patriarca era temido e adorado²⁸

²⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

²⁶ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. Op. cit.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Op. cit.

²⁸ FILGUERA, Maria Conceição Maciel. *Eloy de Souza: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas*. Natal: EDUFRN. 2011. (Coleção Dissertações e Teses do CCHLA-UFRN), p. 101.



Do enlace matrimonial entre Félix e Cosma nasceram quatro filhos: Zulina, Cordina, Francisca Justina e Eloy Castriciano de Souza, aquele que viria ser pai de Auta de Souza. Segundo Eloy de Souza (1975), seu pai teria nascido em primeiro de dezembro de 1842 na mesma localidade que seu avô, em Potengi Pequeno, o qual foi batizado recebendo os nomes em homenagem aos santos do dia do calendário litúrgico católico, a saber: Santo Eloy e São Castriciano²⁹. Tendo como padrinho de batismo Fabrício Gomes Pedrosa, que era casado com sua tia materna e que dentro desta ordem senhorial exerciam posição econômica e social superior frente ao afilhado e aos seus pais.

Criou-se na casa dos pais em Potengi Pequeno onde teve a oportunidade de aprender as primeiras letras e as operações matemáticas básicas com o padre José de Paula, vigário de São Gonçalo. Com ele também recebeu noções de catecismo. Pelo que nos deixa claro Cascudo, estes foram os únicos estudos sistematizados que teve durante toda a vida, crescendo como menino de fazenda, “[...] esquipando em cavalo de pau, cavalgando poldro logo depois de engatinhar, aprendendo a contar pelos dedos dos pés e das mãos, caçando de bodoque, pescando de covo, correndo [...]”³⁰.

À medida que Eloy foi crescendo, a empresa do padrinho Fabrício foi obtendo expressividade no cenário comercial da Província, de tal forma que muitos foram os investimentos e incentivos que ele proporcionou. Assim, o renomado comerciante constantemente citado nos Relatórios de Presidente de Província do Rio Grande do Norte, sobretudo devido aos empréstimos que fez ao governo provincial que se destinavam a diferentes beneficiamentos na infra-estrutura do porto, de construção de pontes e aterros favorecendo com isso o escoamento dos produtos do Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, sua economia³¹.

²⁹ Era costume das famílias católicas da época batizarem os filhos nascidos de acordo com os nomes dos santos do calendário litúrgico. Auta por sua vez, não fugiu à regra e também foi um exemplo desta tradição, pois nasceu no dia de Santa Auta. Também era costume destas famílias de cultura e tradições católicas darem nomes aos filhos dos santos da devoção. GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza*: representações culturais e imaginação poética. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

³⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Op. cit., p. 26.

³¹ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do rio Salgado no Século XX*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.



Em 1859, quando tinha 17 anos, Eloy Castriciano começou a trabalhar na empresa do padrinho desempenhando a função de guarda livros, ou seja, cuidava da contabilidade do Mercado do peixe da Casa de Guarapes, segundo Eloy de Souza (1975). Nesse cargo foi aprendendo os ofícios do comércio, aderindo noções mais aprofundadas das transações comerciais e dos negócios. Com a Guerra de Secessão (1860-1865), a cidade de Macaíba e a Casa de Guarapes prosperaram em ritmo acelerado. Grande foi fluxo de embarcações que iam e vinham atravessando em ritmo frenético o Atlântico perfazendo a rota: Guarapes-Inglaterra. Conforme nos diz Cascudo:

Até 1872 os navios vindos de Liverpool e Manchester subiam o rio e vinham carregar açúcar, algodão, couros, peles e deixar tecidos, enxadas, foices, machados, facões, sapatos, perfumes, jóias baratas, espelhos, louça pó-de-pedra e porcelana inglesa, toda a pacotilha industrial da época³².

Ao longo de treze anos, o pai de Auta de Souza trabalhou em Guarapes adquirindo progressivamente posição de confiança e auxiliando o padrinho de quem aprendeu tudo o que pode em termos de negócios. A relação de apadrinhamento que ligava Fabrício a Eloy, foi uma outra porta aberta para que o filho do administrador de fazendas supostamente descendente de escravos negros pudesse também alçar uma melhor posição na vida, uma vez que o batismo, rito de cunho católico também tinha implicações sociais.

Segundo Solange Rocha (2009) o batismo vinculava espiritualmente pessoas de famílias diferentes através do compadrio cujo principal traço seria a formação de alianças entre duas ou mais famílias que se comprometiam mutuamente em termos de proteção, fidelidade e respeito e isso também incluía pessoas de status sociais diferentes como era o caso de Fabrício e Félix. Mas o fato é que, dentro do princípio da reciprocidade que o rito católico estava imbuído, ambos se ajudaram no intento de fazer a empresa prosperar. Eloy, por sua vez, recebeu apoio de seu padrinho Fabrício tendo em vista que:

O papel do padrinho também era o de colaborar materialmente com o afilhado. Do protegido sempre se esperava a gratidão pelos atos de seu (s) protetor (es). A base da relação de compadrio era a reciprocidade, as trocas

³² CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza* (1876-1901). Op. cit., p. 25.



de afeto, de bens materiais ou qualquer outra que beneficiassem as duas partes envolvidas³³.

Foi também neste contexto de comércio, que Eloy teve a oportunidade de conhecer por intermédio de Fabricio, o comerciante Francisco de Paula Rodrigues que viajava constantemente do Recife até Macaíba, de passagem até o agreste e ao sertão para visitar suas fazendas em Sant'Antônio do Salto da Onça, Santana do Matos e Angicos. Desde este momento, Paula Rodrigues passou a observar o rapaz de soslaio, visualizando nele as promessas de um futuro promissor.

Neste contexto, Fabricio Gomes Pedrosa adoeceu gravemente, momento em que expressou com mais veemência a vontade de se mudar para a Côrte e viver das vultosas economias que acumulou durante todos esses anos. Após a partida de Fabrício para o Rio de Janeiro, em 1871, a Casa de Guarapes toma um novo rumo. Na capital do Império, estando já estabelecido, Fabrício falece meses depois.

Nesse mesmo ano, Francisco de Paula Rodrigues e Eloy de Castriciano de Souza firmaram os planos de uma firma em sociedade, surgia então a *Paula Eloy & CIA*, a qual Câmara Cascudo afirmou tratar-se de uma financiadora de algodão e açúcar que tinha em Macaíba um ponto distribuidor, onde comercializava produtos vindos de Pernambuco como açúcar, arroz, farinha de mandioca e milho³⁴. Já Eloy de Souza, denominou “[...] casa bancária, financiadora das safras de açúcar de grande parte dos municípios do Ceará-Mirim e São José, incluindo o vale do Cajupiranga³⁵.

³³ ROCHA, Solange Pereira da. *Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009, p. 221.

³⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Op. cit.

³⁵ SOUZA, Eloy. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto. 1975, p. 35. Sobre a referida empresa, existem os documentos referentes à sua falência, material este de propriedade do historiador macaibense Anderson Tavares, o qual gentilmente nos cedeu para que pudéssemos pesquisar. O material é essencialmente manuscrito e composto por documentos de diferentes naturezas que se agrupam em 11 livros formando o processo. Eles não estão agrupados numa sequência numérica, por isso para facilitar a consulta nós os enumeramos a partir de ordem cronológica das datas que apresentam na capa de cada caderno. Compondo o processo encontramos: Procuração em que D. Silvina de Paula Rodrigues, avó dos irmãos Castriciano de Souza dá plenos poderes para um advogado cuidar em seu nome dos direitos dos netos nas arguições dos bens da empresa, Cartas petições, Cartas precatórias, listas com as contas dos aluguéis dos imóveis pertencentes aos irmãos, listas com os gastos dos irmãos Castriciano de Souza, lista de compras de artigos domésticos, lista de compras de remédios, recibos do colégio de Auta de Souza, notas de arremate dos bens da referida empresa, etc. A *Casa Comercial Eloy Paula & CIA* tratava-se realmente de uma empresa financiadora de negócios tal qual colocado por Eloy, localizada na



Também foi em 1871 que, por motivos de negócios, Eloy teve de ir visitar seu sócio em Pernambuco na “vivenda do Arraial, no Recife, sobrado de azulejos, cercados de arvores e guardado por um jardim”³⁶. Foi nesta mesma visita que ele teve a oportunidade de conhecer a família de Paula Rodrigues, mas, sobretudo a filha, Henriqueta Leopoldina com quem inicia o namoro.

Em junho do ano seguinte, é realizado o casamento de Eloy com Henriqueta na Igreja do Arraial, cerimônia que contou com a presença das famílias vizinhas, momento este em que Eloy completava os seus trinta anos e Henriqueta os seus vinte. Com o advento do casamento de Eloy Castriciano com Henriqueta Leopoldina, consolida-se de uma vez a ascensão social do pai de Auta, sobretudo tendo em vista as alianças de negócios e de política travadas por ele após a montagem da firma que fundou em parceria com o seu sogro.

Sobre os avós maternos de Auta, sabe-se que eram oriundos da cidade pernambucana de Goiana onde se conheceram e se casaram informalmente, haja vista que moravam maritalmente juntos, mas só oficializam a união no dia do casamento de Henriqueta com Eloy com fins de legitimar os filhos garantindo-lhes a herança judicialmente³⁷. Além de Henriqueta, tiveram mais dois filhos: Lucidário e Pedro, os quais também são descritos na memorialística do sobrinho Eloy.

O avô materno de Auta, Francisco de Paula Rodrigues era um rico comerciante em Pernambuco e senhor de fazendas de gado no interior do Rio Grande do Norte. A avó materna de Auta, chamava-se Silvina Maria da Conceição, ou Dona Silvina de Paula Rodrigues como passou a se chamar após o casamento ou simplesmente Dindinha, como era carinhosamente chamada pelos familiares.

Segundo Eloy de Souza em sua memorialística, Dindinha era uma mulher simples do povo, analfabeta como maior parte das mulheres de sua época, inclusive as abastadas, e que

rua do porto em Macaíba. Sua atuação consistia em emprestar dinheiro a comerciantes e donos de fazendas de gado e engenhos de açúcar das redondezas. A referida empresa, mantinha relações comerciais com muitos comerciantes e diferentes empresas, sobretudo em Macaíba e na praça comercial do Recife. Desta, podemos citar a *Firma Parente Vianna & CIA*, empresa esta pertencente a José Parente Vianna.

³⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza* (1876-1901). Op. cit., p. 29.

³⁷ SOUZA, Eloy. *Memórias*. Op. cit.



nunca deixou-se alfabetizar nem fotografar. Pedia que sua imagem fosse guardada apenas na memória e no coração dos seus entes queridos. Nada mais.³⁸ Segundo Cascudo, a partir dos escritos de Eloy, Dindinha era fisicamente:

[...] uma criaturinha pequena, fraca, **morena, cabelo emaranhado**. [...]. Silvina jamais possuiu o conhecimento alheio, agenciado, ensinado, imóvel dos livros. Tôdas as soluções foram resultados de elaborações personalíssimas de sua lógica. Era cultura mas cultura tradicional, popular, milenar, transmitida pela oralidade, bom-senso que independe das lógicas sucessivas que cada século consagra em sua dialética oficial. Coube-lhe a tarefa de educar cinco netos, todos poetas e dois chegaram ao legislativo e ao Executivo; [...] A velha Silvina, Dindinha, analfabeta, demonstrou saber muito mais orientar e formar o mecanismo da moral prática que muita universidade, eminente e orgulhosa.³⁹ (**Grifo nosso**).

Em complementação à citação de Cascudo, nos afirma Eloy de Souza, neto da referida senhora, que “Dindinha era uma criatura de bondade infinita. [...]. Era tranquila e corajosa, o que lhe permitiu sofrer com estóica resignação dores sem conta”. Afinal, assistiu a morte do marido, do genro, dos três filhos ainda jovens bem como de dois netos, um ainda criança. Era baixinha, *bem morena, com cabelos emaranhados*.⁴⁰ Em outro momento reforça que a avó Dindinha “era educadora analfabeta e *mulatinha* [...]”⁴¹

Cascudo por fim, afirma que Dindinha era da velha raça e por isso não permitia que a deixassem fotografar, traço peculiar herdado e perpetuado pelas gerações, haja vista que “Nenhum primitivo contemporâneo” admite fotografar-se.⁴² O que Cascudo quis dizer com a palavra primitivo?

Euclides da Cunha em *Os Sertões* (2005), ao tratar da população sertaneja à época dos conflitos no Arraial de Canudos, utiliza o termo “raça forte e antiga”. Euclides identificou também os vaqueiros sertanejos enquanto pertencentes a esse grupo, como sendo membros

³⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza* (1876-1901). Op. cit..

³⁹ Idem, p. 28.

⁴⁰ SOUZA, Eloy. *Memórias*. Op. cit., p. 10.

⁴¹ Idem, p. 11.

⁴² CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza* (1876-1901). Op. cit., p. 29.



desta “rude sociedade” forjada pela mistura dos primeiros sertanistas com os indígenas da região formando assim uma “raça curiboca quase sem mescla do sangue africano.”⁴³

A partir da descrição de Cascudo, e levando em consideração os escritos de Euclides da Cunha, podemos cogitar a hipótese de Dindinha ter sido remanescente índia ou cabocla uma vez que o adjetivo que utiliza para denominá-la, “velha raça”, supostamente faz referência aos indígenas que de fato estavam há mais tempo em terras americanas. Outra coisa que devemos salientar também, é que durante o século XIX e XX, difundiu-se a ideia de que os índios estavam fadados ao desaparecimento, processo este chamado de caboclicização⁴⁴.

Inclusive, dentro da própria documentação oficial da época como os Relatórios de Presidente de Província do Rio Grande do Norte, eles nem são citados a ponto de Cascudo, anos depois afirmar que no Rio Grande do Norte, a partir do século XVIII, “a indiada refugiava-se nas serras ou desaparecia como folha no vento”.⁴⁵ Essa ideia ganhou tanta força, que durante muitos anos se reforçou um mito no seio da historiografia norte-rio-grandense, o mito do total desaparecimento indígena e o da inexistência da escravidão negra em terras potiguares. Todavia, estudos de historiadores e antropólogos vem demonstrando uma outra direção nesse sentido, questionando a antiga visão que durante muito operou silenciando a existência de negros e indígenas no Rio Grande do Norte.

Considerações finais

Por fim, acreditamos que a trajetória desses indivíduos que focalizamos acima, vem mostrar-nos que em meio essa sociedade oitocentista em que se firmava o poder dos grandes senhores através de tantas leis e decretos como a Lei de Terras de 1850 e a Constituição de

⁴³ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Belo Horizonte: CEDIC – Centro Difusor da Cultura, 2005, p. 52.

⁴⁴ Este pensamento ganhava respaldo nas políticas indigenistas que se sucederam ao longo dos séculos, mas também na crença da inadaptabilidade do índio à evolução humana levando com isso à usurpação de suas terras.

⁴⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: IHGRN, 1980, p. 65.



1891, as quais não atribuíam nenhum direito aos indígenas nem aos descendentes de escravos, tanto negros quanto índios lutavam por sobrevivência e por espaços de legitimação social maiores.

Outra coisa que devemos ter em mente é que, se houve casos de negros e indígenas que ganharam algum prestígio e poder em uma sociedade escravista e autoritária como era a brasileira nos idos do século XIX, é porque havia brechas naquela organização social. Foi através delas que alguns sujeitos souberam se valer de oportunidades conseguindo assim sair da penumbra a que estavam relegados pela própria condição que as suas posições social e racial conferiam.

Nesse sentido, Félix do Potengi Pequeno, Cosma Bandeira de Melo, Eloy Castriciano de Souza e Dindinha, configuram-se em paradoxos dentro da realidade senhorial da época, trazendo novos elementos para pensarmos essas questões também numa realidade norte-riograndense haja vista que existem outros trabalhos, realizados em outras regiões que se dedicaram ao estudo de outros sujeitos da margem e que obtiveram visibilidade dentro da sociedade oitocentista brasileira, sociedade esta pretensamente branca, elitista, fortemente hierarquizada e excludente⁴⁶.

Bibliografia

ARIÉS, Philippe. *História da criança e da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Ed. da Unicamp. 1999.

⁴⁶ Sobre a atuação de sujeitos que romperam as limitações que o contexto escravista impunha fortemente, indicamos os seguintes trabalhos: SILVA, Eduardo. *Dom Obá, d'África, o príncipe do povo: vida tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras. 1997; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. 2000. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo, 2000; AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Ed. da Unicamp. 1999.b



BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

_____. *História da Cidade do Natal*. Natal: IHGRN, 1980.

_____. *Vida Breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias).

CASTRICIANO, Henrique. Nota da segunda edição. In: SOUZA, Auta de. *Horto, outros poemas e ressonâncias*. Obras reunidas de Auta de Souza. Organização de Alvar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo. Natal: EDUFRN. 2009.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das letras. 2003.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Belo Horizonte: CEDIC – Centro Difusor da Cultura, 2005.

FARIAS, Genilson de Azevedo. *Auta de Souza, a poeta de “pele clara, um moreno doce”*: memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2013.

_____. *Auta de Souza no espaço público da imprensa e da literatura brasileira oitocentista*. *Caravela* – Revista de literatura potiguar. v. 1. n. 1. Natal: Caravela Selo Cultural. Out. de 2015.

_____. *Auta de Souza (1876-1901): uma experiência do Atlântico Negro*. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (Org.). *Festins de Seda: O Festival Mythos-logos do Imaginário e outras inventicesde inspiração bachelardiana*. Natal: EDUFRN, 2016 (No prelo).

FILGUERA, Maria Conceição Maciel. *Eloy de Souza: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas*. Natal: EDUFRN. 2011. (Coleção Dissertações e Teses do CCHLA-UFRN).

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

HERÍENTER, F. “Família”. *Enciclopédia Einaudi – Parentesco*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989. Vol. 20.



LÉVI-STRAUSS. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.

MALINOWKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil - Século XIX)*. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. Natal: Cooperativa cultural, 2009.

_____. Formação do mercado de trabalho no Nordeste: escravos e trabalhadores livres no Rio Grande do Norte. *História Econômica & História de Empresas*. São Paulo, v. 8, n. 2, jul/dez. 2005.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROCHA, Solange Pereira da. *Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Potengi: fluxos do rio Salgado no Século XX*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História, 71).

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *A história do feitiçeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. 2000. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, São Paulo, 2000.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. In: Curitiba: *Revista História: Questões e Debates*, n. 51, jul-dez de 2009, p. 13-29.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá, d'África, o príncipe do povo: vida tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: Esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil, Sudeste, século XIX*. 2. Ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

SOUZA, Eloy. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

TAKEYA, Denise Monteiro. *Um outro Nordeste: algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*. Fortaleza: BNB, 1985.



VALE DE ALMEIDA, M. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: fim de século, 1995.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem*. As irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.